



as mañas  
bordadas  
de Apodi



## as malas bordadas de Apodi

sala do artista popular

168

2011

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular  
Iphan / Ministério da Cultura

**Presidência da República**

Presidenta: Dilma Vana Rousseff

**Ministério da Cultura**

Ministra: Ana de Hollanda

**Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**

Presidente: Luiz Fernando de Almeida

**Departamento de Patrimônio Imaterial**

Diretora: Márcia Sant'Anna

**Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular**

Diretora: Claudia Marcia Ferreira

**PARCERIA**

**Associação de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro**

Presidente: Lygia Segala

**PATROCÍNIO**

**Ministério da Fazenda**

Ministro: Guido Mantega

**Caixa Econômica Federal**

Presidente: Maria Fernanda Ramos Coelho

A CAIXA apoia o artesanato brasileiro

realização



Ministério da  
**Cultura**

patrocínio



## Setor de Pesquisa

### COORDENADORA

Maria Elisabeth Costa

## Programa Sala do Artista Popular

### RESPONSÁVEL

Ricardo Gomes Lima

### EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Marylia Dias, Magnum Moreira e Sandra Pires

### PESQUISA E TEXTO

Nilton Bezerra

### EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Lucila Silva Telles

Ana Clara das Vestes

### CAPA

Maria Rita Horta

### DIAGRAMAÇÃO

Lígia Melges

### FOTOGRAFIAS

Francisco Moreira da Costa

### APOIO DE PRODUÇÃO

Dirlene Regina Santos da Silva

Manuela Kemper

### ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Márcia Shoo

### PROJETO DE MONTAGEM E

### PRODUÇÃO DA MOSTRA

Luiz Carlos Ferreira

Talita de Castro Miranda (assistente)

### PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA

Alexandre Coelho

---

M238 As malas bordadas de Apodi / texto de Nilton Bezerra.

-- Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2011.

28 p. : il. -- (Sala do Artista Popular ; n. 168).

ISSN 1414-3755

Catálogo da exposição realizada no período de  
19 de maio a 26 de junho de 2011

1. Mala – confecção artesanal. 2. Artesanato em  
madeira – Rio Grande do Norte. I. Bezerra, Nilton, org.  
II. Série.

CDU 684.45 (813.2)

---

sala do artista popular

S A P

MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

168  
2011

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesanato em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Lagoa de Apodi

## As malas bordadas de Apodi

NILTON BEZERRA

Sábado é dia de feira na cidade norte-riograndense de Apodi, situada na região do Oeste Potiguar, a 337km da capital, próximo à divisa com o estado do Ceará. Na realidade, em Apodi, as feiras são diárias; essa versão semanal, conhecida como “feirinha”, possui estrutura mais modesta, distinta daquela realizada aos sábados, agigantada pela ocupação parcial de seis ruas e compreendida entre as primeiras horas da manhã e o início da tarde. É conhecida também como “Feira da Pedra”, em referência à demolição do antigo mercado da cidade, no início da década de 1950, quando os feirantes passaram,

então, a ocupar as calçadas de pedra nas proximidades da construção destruída (Guerra, 1982). Outros dados apontam sua existência como centenária (Guerra, 2000).

Bem antes do sol nascer já é possível perceber a agitação dos feirantes, comerciantes e dos primeiros consumidores motivados em realizar bons negócios. Em meio ao ajuntamento simultâneo de cores, sons, cheiros e gestos, na “vitrine” da feira livre são privilegiados os produtos procedentes dos sítios, termo utilizado para designar não apenas as propriedades rurais no entorno da cidade, mas também indicativo das pequenas localidades e vilarejos próximos.

Na estética informal das barracas ou no chão delimitado com lonas plásticas ou esteiras de palha de carnaúba, alterna-se uma diversidade de gêneros alimentícios e bens duráveis, avistam-se frutas regionais, grãos, legumes, verduras, peixes, galinhas, cortes de carnes de boi, porco, bode e carneiro, doces, vassouras, roupas, chapéus de palha,



artefatos de couro, móveis, redes de dormir, utensílios de plástico e alumínio, sombrinhas, arreios para animais, dvd's, cd's e uma multiplicidade de produtos piratas, pistas preciosas sobre os hábitos alimentares, as referências estéticas e o comportamento cultural dos apodienses. A feira não se restringe às relações de compra e venda; é também ambiente festivo, cenário interativo dos encontros entre parentes, amigos e demais moradores residentes na área urbana e na zona rural, espaço propício à atualização das conversas semanais e do fortalecimento das parcerias.

Numa das esquinas próximas ao mercado público, construção que dialoga e acolhe a estrutura da feira em suas adjacências, precisamente no setor destinado ao comércio de produtos artesanais, rapaduras e utilitários em geral, o olhar mais apressado é surpreendido pela exposição singular de um grupo modesto de belos objetos coloridos, evidenciados especialmente por contrastar com a profusão de roupas, brinquedos, celulares e toda sorte de aparelhos eletro-eletrônicos e industriais espalhados pelas ruas e calçadas. São malas artesanais, fruto do trabalho de José Pinheiro Neto, nascido em 02 de maio de 1956, apelidado “Dedé das malas”, natural de Apodi, casado com Maria Gorete de Andrade Pinheiro e pai de Francisco de Assis

Andrade Pinheiro (seu eventual ajudante) e Damiana Andrade Pinheiro.

Aprendeu o ofício de maleiro em 1970, com o irmão João Pinheiro Filho, conhecido por “Dandão”, que por sua vez o herdou do avô materno, Quincas Noronha Lindolfo, também maleiro, construtor de malas de madeira revestidas com couro bovino e adornadas com tachas metálicas. Desde então, a feira do sábado serve de mostuário para o seu trabalho.



na feira de sábado



Nesses dias, chega por volta das 5h30, antes da montagem definitiva das barracas, para não ter dificuldade de passar com sua bicicleta, veículo utilizado para o transporte das malas. A escolha do horário é propícia para permitir o acesso ao local demarcado como ponto de venda: uma esquina diante de uma loja de tecidos, nas imediações do mercado. Costuma expor seis malas por feira, e a produção semanal, de doze a quatorze exemplares, contempla igualmente a venda aos poucos atravessadores. Além disso, parte dos objetos é guardada em sua residência, constituindo um pequeno estoque formado também pelo resultado das vendas não realizadas.

José realiza seis viagens entre idas e vindas; nos intervalos em que se ausenta as malas ficam expostas sem qualquer vigilância, exceto quando volta para casa em torno das 8h para “merendar” e, nesse caso, conta com a gentil colaboração de outros feirantes conhecidos, que se responsabilizam temporariamente pelas malas, informando ao provável comprador sobre os preços, seu breve afastamento e a iminência do retorno. Quando o transporte é feito num carro de mão, as malas são carregadas de uma única vez, reduzindo o deslocamento para apenas duas viagens, considerando o vai e vem dos objetos. Sua participação na feira é encerrada às 11h, antecedendo os últimos movimentos dos demais feirantes e consumidores a deixar o espaço.

À exceção do irmão João Pinheiro, que suspendeu suas atividades em 2008, até meados da década de 1980 existiram, em Apodi, outros maleiros realizando uma produção anterior e contemporânea ao seu período de formação, entre os quais são lembrados os nomes de “Boré”, apelido de um maleiro que atuou antes de 1970, Milton de Alfredo, que trabalhou até 1978, e Marcos, aprendiz de João Pinheiro, com a produção compreendida de 1980 a 1984.

O povo apodiense dispunha das malas para guardar roupas, redes de dormir e livros, tradição ainda hoje perceptível



entre os moradores dos sítios e em meio à parcela mais carente da população. Nos períodos invernosos, quando as famílias de agricultores estão integralmente envolvidas no preparo da terra para o plantio ou nos cuidados com as primeiras lavouras, as vendas de malas declinam, bem como nos dias que se sucedem ao carnaval, festa com ampla participação popular em Apodi. Nessa fase, os custos com divertimentos, roupas, bebidas e alimentos comprometem a renda familiar e restringem o consumo de outros bens.

O aumento da produção industrial somado às facilidades para a compra de móveis em lojas especializadas resultou na diminuição do consumo das malas, substituídas de modo progressivo como componentes do mobiliário doméstico dos quartos de dormir. Para alguns moradores, sobretudo aqueles habitantes da área urbana, a imagem das malas delimita uma fronteira social, que é simbolizada por um passado rural não mais desejável e incompatível com a modernidade, uma das razões pela quais se justifica sua presença nas casas das periferias das cidades, ocupadas em sua maior parte por pessoas de procedência camponesa.

Apesar de identificarmos junto à família de seu Dedé os nomes de pelo menos dez maleiros com produção situada entre 1950 e meados de 2000, outra situação curiosa é o fato de não haver nenhum tipo de registro por parte dos escritores potiguaros, em especial os apodienses, sobre a existência de maleiros atuando na região; a referência às malas artesanais é inexistente nos relatos sobre a feira livre de Apodi e nos capítulos dedicados à arte popular do município como objeto de estudo (Guerra, 1982, 2000. Pacheco; Baumann, 2006).

A memória de seu Dedé se reporta aos primeiros anos de aprendizado, nos quais costumava observar, duas vezes a cada mês, grupos de cerca de 30 emigrantes fugitivos da

seca embarcando em caminhões “pau de arara” para a região Norte, sobretudo para os estados do Pará e Amazonas, em busca de sobrevivência incerta. Apodi está situada na região do semiárido nordestino e 1970 foi um ano marcado pela extrema escassez de chuvas no nordeste brasileiro. Cada emigrante, ao embarcar esperançoso rumo à terra “desconhecida”, portava sua mala carregada de poucos pertences. Invariavelmente, eram malas de madeira umburana, pintadas de amarelo, adornadas com grafismos geométricos na cor preta, forradas internamente com papel de presente.

Por volta de 1976, as cores das malas foram se diversificando, entre amarelo, verde, azul, laranja e vermelho, e os desenhos geométricos, igualmente variados, foram enriquecidos pela adição dos “bordados” de cor branca combinados ao preto anterior. Hoje em dia, a aceitação popular restringiu a pintura das malas apenas à cor vermelha, segundo seu Dedé, porque as outras cores não são vendáveis, só eventuais encomendas solicitam mudanças de cor.

Nos últimos anos, observa-se uma modificação no emprego das malas, sobretudo entre visitantes ou turistas de passagem por Apodi. Antes privilegiadas como objetos meramente funcionais, seu uso vem se modificando notadamente pela ênfase na função decorativa.

Carvalho (2006), ao analisar os padrões utilizados nas pinturas de carrocerias de caminhão, reconhece semelhanças com aqueles adotados na decoração das malas:

*Muitas vezes, para os mais velhos, pode ser associada à pintura das antigas malas de madeira e papelão, objetos à venda nos mercados e feiras interioranas, estas também móveis, exibidas nos traslados daqueles que saíam de seus rincões buscando melhores condições de vida nas grandes cidades.*

O verão é a melhor época para a comercialização; o “inverno”, equivalente, na região, ao período chuvoso, dificulta a venda das malas por duas razões: a primeira diz respeito à dificuldade de locomoção dos moradores dos sítios, potenciais consumidores, residentes em locais onde, nessas circunstâncias, ocorrem frequentes alagamentos, reduzindo sensivelmente suas idas e vindas à cidade e, conseqüentemente, seu consumo; a segunda, à ausência do sol, aliado fundamental no processo de produção, como veremos adiante.

Para a confecção das malas, são utilizados como matéria-prima refugos de tábuas de pinho ou umburana hoje



adquiridas em serrarias que fabricam portas, caibros e ripas<sup>1</sup>; esmalte sintético vermelho, preto e branco; gasolina (como diluente); papéis de presente com estampas diversas; quatro tamanhos de pregos (2/14, 1,5x15, 1x16 e 3/4x17); papel de sacos de cimento; “grude” ou cola de goma de mandioca com farinha de trigo; laminado de madeira identificado pelo maleiro como “duratex”; dobradiças “porta-cadeado”; e sucata de latas para as cantoneiras.

Como ferramentas, seu Dedé utiliza furadeira de banca, disco para serrar tábuas, martelo, plaina manual, torquês, régua artesanal, serrote, e pincéis improvisados, compostos por raio de roda de bicicleta amassado na ponta para o cabo, e pequenos pedaços de feltro originários dos “chapéus de massa” (ainda muito usados pelos homens mais velhos), com a função de cerda.

São produzidos basicamente quatro tamanhos de mala, com as seguintes medidas de comprimento, largura e altura: 80x40x30cm; 60x35x25cm; 40x25x16cm



e 30x18x12cm. Outras dimensões são elaboradas por encomenda. Os preços variam conforme as dimensões e aos tamanhos citados anteriormente correspondem algumas distinções: as maiores são conhecidas como mala, e não recebem pintura externa na parte de baixo ou fundo; a de tamanho intermediário é conhecida por “meia-mala”; e as de pequenas dimensões são as “malotas” ou “malotes”, distintas das malas e meias-malas pelo tamanho reduzido, por serem pintadas em todos os lados externos, e por receberem alças sempre que solicitado pelo comprador. As primeiras malotas possuíam alças de ferro chamadas “guarda-mão” ou pegadores; posteriormente, foram substituídas pelo mesmo acessório em plástico.

As malas produzidas a cada semana – de 12 a 14 – são expostas todos os sábados na feira livre de Apodi ou adquiridas por atravessadores que as distribuem para outras comunidades de cidades próximas (Umarizal, Serrinha dos Pintos e Martins). Um deles revende também na feira, a poucos metros de distância do ponto escolhido pelo artista/artesão – termo aqui adotado por não reconhecer antagonismos severos e hierárquicos entre os conceitos firmados genericamente para tais categorias (MASCELANI, 2002; LIMA, 2010). A venda semanal nem sempre acontece, fato

que desestimula o maleiro e inibe a sua produção, pois a atividade representa um complemento da renda mensal procedente de uma aposentadoria. Além das malas, o hábito popular de guardar moedas, aliado à atual situação econômica que permite amealhá-las, estimulou seu Dedé a produzir, a partir de 1975, pequenos cofres que até hoje são procurados. Os tamanhos variam entre 10, 15 e 20cm, reproduzindo em pequenas dimensões as feições originais das malas.

#### AS PARTICULARIDADES DO SABER-FAZER

O processo de produção das malas é ordenado conforme as necessidades de cada fase de elaboração. Nesse sentido, o número de objetos é pensado como um pequeno conjunto e definido desde a montagem. Nas fases seguintes, o mesmo grupo passa simultaneamente pelas diversas etapas de acabamento até a finalização. A elaboração das malas solicita ao maleiro trabalhar sobre cada uma delas em média 20 vezes.

Em Apodi, o espaço de residência dos maleiros costumava ser anexo às oficinas de trabalho, sendo estas cômodos adaptados para tal função. Seu Dedé, no entanto, preferiu separar os dois ambientes de maneira bastante clara. Residência e oficina estão localizadas em bairros distintos: sua

moradia, no centro de Apodi, dista cerca de um quilômetro do bairro conhecido como “Baixa do CAIC”<sup>2</sup>, antigo Lagoa Seca, local onde estabeleceu sua oficina. O trajeto entre a casa e o local de trabalho é percorrido com o auxílio de uma bicicleta.

No espaço da oficina, em sua aparente desorganização, aos poucos percebemos que a disposição das ferramentas e materiais reordena-se em áreas específicas, a fim de facilitar o acesso a cada um deles conforme o estágio de construção dos objetos. A criação das malas resulta do trabalho empreendido de segunda à sexta, das 6h às 18h, com breves intervalos para as refeições.

O procedimento tem início com os cortes da madeira. As tábuas são aparadas, e em seguida é preciso “bitolar”, ou seja, definir as dimensões desejadas, armar a forma da mala, fixar as dobradiças, complementá-la com compensado, forrá-la com papel de saco de cimento colado com grude, uma cola artesanal que resulta da mistura de água, goma refinada de mandioca e farinha de trigo. Numa área externa à oficina, a mistura é levada, em caldeirão de alumínio com água, ao fogo feito com lenha numa trempe<sup>3</sup>, até adquirir consistência firme e semitransparente. É usado frio, e no verão pode durar até dois dias. A adição de farinha de trigo

representou uma estratégia para dar maior firmeza ao produto, pois a goma de mandioca pura, logo após a aplicação, costuma liberar grande quantidade de líquido, dificultando a aderência do papel. Há alguns anos os maleiros usavam uma goma grossa procedente das casas de farinha da cidade serrana de Portalegre, não mais disponível, que dispensava o uso da farinha de trigo.

A quantidade de grude utilizada é proporcional às necessidades para a produção de 14 malas. O papel recortado das embalagens de cimento é aberto sobre uma mesa ou bancada, estirado e umedecido em toda a sua superfície com uma camada generosa de grude até obter maleabilidade e brilho. Em seguida, é colocado rapidamente sobre a madeira em sua estrutura externa. Para isso, são suficientes apenas duas camadas; as mãos ágeis pressionam toda a superfície do papel contra a madeira para evitar a formação de bolhas de ar, e na sequência a mala é colocada ao sol para secar por cerca de duas horas. Durante esse tempo, o papel adquire coloração levemente escurecida.





Após a completa secagem, a mala recebe a pintura de base que definirá sua cor, aplicada com uma trincha. A tinta é previamente diluída em gasolina para deixá-la com uma consistência mais líquida, e, aplicadas duas demãos, a mala volta ao sol. Sobre essa camada de pintura são feitos os desenhos decorativos. Incentivado a recuperar as cores abandonadas na década de 1970 e diversificar o habitual vermelho, seu Dedé aceitou o desafio, expressando abertamente suas predileções e propostas: gostou em especial das cores azul, verde e laranja, e, repetidas vezes, questionou o uso do amarelo, por ser, segundo ele, uma cor que não favorece o contraste com o branco usado na decoração. “O branco não ficou muito bonito, nem sentado.”

#### **OS RISCOS E OS BORDADOS**

A decoração com elementos geométricos singulariza a feitura das malas. Nela, o maleiro faz uma clara distinção entre riscos e bordados. Os riscos são linhas predominantemente retas, feitas em preto com o auxílio de uma régua, e configuram os limites da composição. Alguns deles são relacionados a formas da natureza, como “estrela” e “salamandra”, outros, são identificados simplesmente como

“desenho”. Os bordados, feitos invariavelmente após a definição dos riscos, são linhas sinuosas ou pontos nascidos de pinceladas espontâneas de cor clara (cinza metálico ou branco), sobrepostas ou intercaladas a esses. No momento em que esse trabalho é iniciado, o maleiro diz que vai “começar a bordar”. A salamandra trata-se de uma rara decoração desprovida de bordados, caracterizada pela policromia resultante da aplicação de cores variadas no interior das formas delimitadas pelos riscos. Seu uso era muito restrito por exigir maior tempo de execução em relação aos bordados.

Na oficina de seu Dedé, observamos alguns artefatos utilizados especificamente para a pintura dos riscos e bordados: um tamborete forrado com papel serve de base para apoiar a mala sem o risco de danificar a superfície pintada; um pincel criado com haste de roda de bicicleta e pedaços de feltro para os riscos e outro para os bordados; dois suportes artesanais em madeira são usados para a fixação das latas com as tradicionais tintas preta e branca diluídas em gasolina. Nos intervalos da pintura de cada risco, a régua é limpa com um trapo para evitar que o excesso de tinta escorra e comprometa a definição das linhas.



Os bordados são iniciados sempre com a realização de uma linha sinuosa à esquerda da composição, também para orientar o maleiro sobre a quantidade correta de tinta utilizada para a definição dos pontos. Tanto para os riscos quanto para os bordados, a organização da composição em cada face do objeto é mental, intuitiva e surpreendentemente ágil – o maleiro não hesita em nenhum instante na expressão de sua arte.

Finalizado o processo, sobre a pintura é aplicada nova camada de cola para obtenção de brilho acetinado. Depois são colocadas as cantoneiras, presas as tariscas<sup>4</sup>, para reforçar a firmeza, e, na sequência, fixadas as hastes laterais, feitas com laminado de madeira<sup>5</sup> para impedir a entrada de insetos e a dobradiça porta-cadeado. Só então o interior da mala é forrado com papel de presente colado com grude, iniciando pelo interior da tampa, em seguida pelo fundo da mala, e, por último, as laterais e bordas internas. Mais uma vez a mala é exposta ao sol por duas horas aproximadamente para a secagem final, pois se fechadas com o forro interno ainda úmido o papel gruda e rasga nas bordas, sendo preciso refazer a colagem. Por dia de sol, são produzidas duas malas, o que explica o arrefecimento da confecção na estação chuvosa, dado que o aumento da umidade atrasa sensivelmente o processo.



#### AS LIÇÕES DOS MESTRES

João Pinheiro Filho nasceu em 16 de abril de 1944, é filho natural de Apodi e começou a fazer malas e baús aos dez anos de idade, sob orientação de Milton de Alfredo, marido de sua tia Isabel. O pai, João Pinheiro de Lima, nunca foi maleiro, negociava açúcar, fumo, sabão, pão e café nas proximidades do mercado da cidade. O aprendizado durou de três a seis meses, e daí em diante “Dandão das Malas”, apelido que o popularizou em Apodi, foi trabalhar por conta

própria e se tornou mestre de outros maleiros. Teve como ajudantes e aprendizes os irmãos “Tó” e João de Mila, “Carlinhos”, “Dedé de Adélia”, Elione Alves Diniz, o irmão Dedé e o seu filho Suetônio, representantes de gerações distintas. Em Apodi os apelidos estão incorporados definitivamente à cultura local, muitas vezes identificando personagens dificilmente reconhecidos pelo nome de batismo, o que explica tais citações.

Seu João se recorda de que no passado as malas eram produzidas somente na cor laranja, com riscos pretos, e posteriormente apareceram os bordados primitivos, feitos com “tinta alumínio”. Ele reivindica para si a autoria desses primeiros bordados na cor branca, que não existiam quando foi iniciado na profissão. Conta que observava pacientemente os caminhões que passavam na estrada para ver os padrões aplicados à pintura das carrocerias; outras vezes frequentava a serraria de Antônio Cabral, marceneiro que produzia carrocerias de caminhão, para observá-lo criar os delicados desenhos que as enfeitavam, conforme afirma: “Olhava os



desenhos, guardava na imaginação e fazia nas malas.”

Quando começou a diversificar as cores das malas com vermelho, verde, amarelo e azul, por exemplo, os bordados e riscos do mesmo modo passaram a ser feitos coloridos. Construtor também de baús, distintos das malas pelo formato arredondado da tampa, revela que estes, mais austeros, não recebiam enfeites, somente quando o consumidor muito raramente pedia.

“Dandão das malas” chegou a trabalhar sozinho por dez anos; após esse período, alternou momentos nos quais contava com o auxílio de dois a três ajudantes, produzindo



de trinta a cinquenta malas por semana. Trabalhava em casa e distribuía a produção na feira de Apodi. Muitas vezes voltava para casa mais cedo, resultado das rápidas vendas, ocorridas antes das 10 horas. Chegou a disseminar a arte de suas malas pelas mãos de atravessadores que encomendavam de cinquenta a sessenta unidades e promoviam sua circulação pelas cidades potiguares de Umarizal, Rodolfo Fernandes, Severiano Melo, Mossoró e Caraúbas, onde trabalhou por um breve período, na Paraíba, em Catolé do Rocha e Souza; nesta última, chegou a atuar também como maleiro, além dos municípios cearenses de Limoeiro do Norte e Potiretama. Nas residências não existiam guarda-roupas, motivo que justifica, em sua opinião, o grande interesse popular pelas suas malas, testemunhas de pequenas modificações nos materiais utilizados anteriormente, como, por exemplo, a substituição gradual das fechaduras com chave e dos trincos laterais pe-



las dobradiças “porta-cadeado”, como também do tecido de algodãozinho pelo papel de saco de cimento.

Nos últimos anos foi acometido por problemas de saúde que o forçaram em definitivo a abandonar a profissão em 2008. Atualmente aposentado, em seu quarto, ao lado da cama, mantém uma de suas últimas malas, usada para guardar documentos pessoais. O próprio objeto transfigura-se em testemunho histórico e cultural de um legado artístico praticado ao longo de sua trajetória de vida, que hoje em dia continua a ser renovado pelas mãos do irmão Dedé, reconhecido pelo maleiro como perpetuador do antigo ofício e seu real substituto.

Não existem registros indiscutíveis sobre o tempo de existência da atividade dos maleiros atuando na região de Apodi; entretanto, é possível assegurar a confecção das malas artesanais na década de 1950, conforme declarações cedidas pela família de seu Dedé e confirmadas

por diversos moradores. Descrições sobre a imagem das malas bordadas também aparecem de modo recorrente na memória dos mais velhos, alargando a probabilidade do uso desses objetos num passado ainda mais distante.

Sabe-se, enfim, que essa produção é singular no panorama do artesanato norte-riograndense e encontra-se fundamentada na cultura de seus habitantes. O trabalho exercido por seu Dedé talvez represente o saber-fazer de um dos últimos maleiros em atividade no Brasil, fato que, simultaneamente, ressalta a importância da sua arte como exemplo de um bem cultural significativo e gera inquietações sobre a futura permanência do ofício.

O uso do objeto, antes destinado apenas ao transporte e preservação de bens, ratifica sua recente tendência a se amoldar a funções de interesse estético: assim as malas chegaram a ser utilizadas como elemento decorativo da festa de São João Batista, um dos padroeiros do município; metamorfoseadas em objetos cênicos, enriqueceram a performance de uma quadrilha junina.

O design massificado dos guarda-roupas industriais, reproduzidos aos milhares, até concorre com as malas, minimizando sua aceitação, porém, não é indicativo de lugar algum, nem provoca o interesse do artista em singularizá-

los com imagens impregnadas de saberes especiais; assim, esvaziado de outros sentidos que justifiquem a sua criação, jamais concorrerá em igualdade com a beleza das malas caprichosamente adornadas pela vivência e expressão do povo apodiense.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. Filetagem: pintura de carroceria de caminhão. In: *Galante*. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, v. 3, n. 13, jun. 2006.

GUERRA, Valter de Brito. *Apodi no passado e no presente*. 2. ed. [S.I.:s.n.], 1982. 240 p. (Coleção Mossoroense, v. CII).

GUERRA, Valter de Brito. *Apodi, sua história*. [S.I.]: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-un Rosado, 2000. 242 p. (Coleção Mossoroense, v. 1145).

LIMA, Livia Ribeiro. *A ferro e fogo: Arte na Paraíba*. Rio de Janeiro: IPHAN; CNFCP, 2010. 36 p. (Sala do Artista Popular, n. 166); (Catálogo da exposição realizada no período de 01/03 a 10/04 de 2010).

LIMA, Ricardo Gomes. *Objetos: percursos e escritas culturais*. São José dos Campos: Centro de Estudos da Cultura Popular; Fundação Cassiano Ricardo, 2010. 144 p. (Cadernos de Folclore, v. 20).

MASCELANI, Ângela. *O Mundo da arte popular brasileira*. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal; Mauad, 2002.

PACHECO, Cleudia Bezerra; BAUMANN, J. Carlos. *Apodi: um olhar em sua diversidade*. Natal: [s.n.], 2006. 364 p.

## NOTAS

- 1 Em anos anteriores para comprar madeira precisava se deslocar até Mossoró, cidade distante 73km de Apodi, numa caminhonete de aluguel dividida por sitiantes que iam vender animais domésticos e outros produtos.
- 2 Referência à construção na área de um Centro de Aprendizagem e Integração de Cursos, vinculado ao Programa de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente, projeto implantado pelo governo federal na década de 1990.
- 3 Estrutura feita com três pedras para apoiar a panela no fogo.
- 4 Hastes de madeira previamente tinturadas com anilina amarela em pó diluída em álcool.
- 5 No passado, os maleiros usavam fitas de flandres (lâmina de ferro recoberta de estanho) cortadas com tesoura; o material enferrujava e frequentemente provocava cortes indesejáveis nas mãos, motivo de sua substituição pelo laminado identificado como *duratex*.

## CONTATOS PARA COMERCIALIZAÇÃO

### SALA DO ARTISTA POPULAR | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)  
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000  
tel (21) 2285.0441 | 2285.0891  
fax (21) 2205.0090  
mercado.folclore@iphan.gov.br | www.cnfcp.gov.br

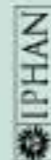
### JOSÉ PINHEIRO NETO (DEDÉ)

Rua João Nogueira, 250 Centro  
Apodi – RN cep 59700-970  
tel (84) 9152-6884 (Gorete, esposa)

realizado por



PROTEÇÃO PATRIMÔNIO  
E HISTÓRIA DO  
TIPOGRÁFICO  
BRASIL



Ministério da  
Cultura

patrocinado

CAIXA

BRASIL  
Banco do Brasil



RIO DE JANEIRO | 19 DE MAIO A 26 DE JUNHO DE 2011  
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE  
E CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO